



Modernidade, pós-modernidade, altermodernidade - conceitos para pensar a arte contemporânea na escola

Ana Beatriz Campos Vaz¹

abcvaz@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas - UFPEL

Resumo: Este estudo apresenta recorte da pesquisa que se desenvolve no Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas, na linha de Ensino da Arte e Educação Estética, sob a orientação da Profa. Dra. Ursula Rosa da Silva. Amparado em autores que refletem sobre conceitos sob os quais foram construídas as concepções sobre arte/artes contemporânea na tentativa de compreensão da relação entre escola/público/artes contemporânea.

Palavras-chave: Arte contemporânea; concepções; escola.

Ao pensar na arte contemporânea, como reflexo de um tempo que está se fazendo, há certa dificuldade em absorvê-la, talvez pelos aspectos, demasiado mundanos, que algumas obras apresentam. Este fato, quiçá advenha dos modelos de apreensão da arte, ainda se basearem em conceitos que foram construídos através dos diferentes tempos históricos e que aportaram com ideias e ideais que, de certa forma, trouxeram segurança em relação ao que é conhecido e aceito como arte. A beleza vem à tona como inerente à obra de arte e deriva da concepção platônica em que moral e beleza se juntam numa busca de exatidão e equilíbrio. O equilíbrio, pensado como universalização do que seria verdadeiro expressar, ainda parece vigorar no que é ajuizado sobre arte.

A arte contemporânea traz consigo os questionamentos que não foram respondidos pela arte moderna, no entanto, não nega e, nem tenta respondê-los, mas, ao contrário, propõe novas indagações ante uma miríade de escolhas e caminhos possíveis. Todavia, parece ainda se manter afastada do contexto escolar.

Na tentativa de refletir sobre alguns conceitos que tangenciam a arte contemporânea, trago autores, de fazeres diferentes, para discutir sobre estética,

¹ Mestranda em Artes Visuais, na linha de Ensino da Arte e Educação Estética, pela Universidade Federal de Pelotas. Graduada em Educação Artística - Habilitação Artes Plásticas e Especialização em Ensino de Artes Visuais pela URCAMP - Bagé - RS. Atua como professora, no ensino fundamental e médio, na Escola Estadual de Ensino Médio Frei Plácido em Bagé - RS.



modernidade, pós-modernidade e *altermodernidade*. Com a ajuda de suas reflexões, pensar na escola, em seu caráter social, como um lugar privilegiado de contato e experimentação no campo da arte.

Para começo, é necessário discorrer sobre o surgimento da estética e as implicações e mudanças nos paradigmas da arte.

A estética nasceu, de acordo com Eagleton (1993), tratando da percepção como propriedade do corpo, em momento de plena racionalização do mundo, ao trazer à luz da razão, os mais profundos aspectos do sensível. O conceito de estética foi forjado no século XVIII, porém, este vinha sendo gestado desde a antiguidade e não surgiu por acaso (EAGLETON, 1993). O contexto de mudança e, o desejo de sair de uma dependência heterônoma, em direção à possibilidade de autonomia, necessitava de certas regras para poder se efetivar. Porque conforme Eagleton (1993), de certa maneira, os sentimentos podem ser controlados, entretanto, a imaginação não. Assim a estética surge, de acordo com este autor, como uma forma de autonomia com o poder *emancipatório*, mas, também, como forma de hegemonia enquanto ordenadora das emoções, tentando captar com palavras o específico indizível do objeto artístico.

Nesse ordenamento, a beleza é vista como modelo idealizado e se encontra num ideal de natureza da qual o homem é centro e medida.

Tal princípio se faz presente na modernidade, no momento em que o homem autônomo e livre está no centro do discurso, contudo, sempre em face ao novo. O novo ligado à ideia de progresso e a ciência, com suas conquistas e verdades, aflora como uma razão primordial. Nesse discurso, a arte assume uma tendência especializante, afastando-se do social e tendo a forma autônoma como seu veículo legitimante. No modernismo, há uma espécie de institucionalização do discurso e a arte adquire um caráter de mercadoria (EAGLETON, 1993). Justamente porque reflete o mesmo, não discutindo sobre o contexto social, ao mesmo tempo em que se esquia da realização de uma prática reflexiva enquanto crítica. A pós-modernidade, segundo este autor, quer se livrar das narrativas históricas, todavia, esquece que o que está dado hoje é fruto também deste passado.



Para Maffesoli (2005), a modernidade trazia a idéia de progresso ou projeção no futuro, que funcionavam como direção na qual se fixar. Na pós-modernidade, são as relações que estabelecem este aporte. A experiência compartilhada e o não afastamento da natureza, ou seja, a natureza como o Outro, no entanto, não mais como um objeto afastado.

A estética, segundo Maffesoli (2005, p.18): “[...] tem por função alavancar a eficácia das formas de simpatia e o papel delas como cimento social num paradigma novo em esboço”. O papel da estética é agregar, sentir junto sem obrigação nem penalização. Assim, no contemporâneo a reunião e o coletivo são contrapontos ao eu fixo da modernidade.

Essa realidade multifacetada é explorada pela arte contemporânea que, justamente por seu aspecto plural, coloca a possibilidade de reflexão do ser humano perante suas próprias dúvidas. Na medida em que, suas apresentações nos indagam sobre nós mesmos deslocam do objeto artístico a preocupação com a materialidade. Ao invés de descartar e partir do novo, como a arte moderna, a arte contemporânea é encarada por Bourriaud (2009b) como a arte da pós-produção. Nela, o artista se vale das coisas já existentes no mundo para recolocá-las, ressignificá-las.

Em sua obra, *Estética Relacional*, Bourriaud (2009a) destaca que a estética modernista olha a obra sob o ponto de vista da forma plástica e a crítica se efetiva através da *eficácia formal*, ou através de possíveis erros na sua *resolução formal*. Do ponto de vista contemporâneo deveria ser designado o aspecto da *formação*, visto que as obras atuais não são fechadas em si mesmas e só se efetivam no encontro. Alude, ainda, que a essência da obra relacional está justamente na troca entre os sujeitos. Inúmeros artistas atuais colocam o público para dar conta da obra como participador. Estabelecem formas de relacionamento que ultrapassam o ato de olhar.

Olhar o mundo através da arte, de maneira a elaborar uma crítica de arte do mundo, é a proposta de Bourriaud (2011), em *Radicante*. Um olhar que perpassa sobre o que é produzido, no contexto de produção. *Radicante*, viaja pela seara da pós-modernidade para propor uma outra modernidade, a *altermodernidade*, como sendo o que ocorre agora, ou seja, “[...] à recomposição do moderno no presente, à



possibilidade de reconfigurá-lo em função do contexto específico dentro do qual vivemos” (BOURRIAUD, 2011, p.13).

Ao vislumbrar o artista como *semionauta*, Bourriaud (2011) fornece a ponte para que se pense o professor de arte. O *semionauta*, segundo Bourriaud, é aquele que navega entre os signos. O professor de arte é quem ajuda a tornar visíveis esses signos. Que signos são esses que se tornam manifestos nas aulas de arte no contexto contemporâneo?

Se a globalização econômica é um fato, e como tal altera os modos de vida mundial, também altera a percepção que se tem e, a produção que se realiza. Se não nos movemos de um lugar a outro de fato, o fazemos através da internet onde as distâncias são percorridas e podemos ter acesso ao lugar que seja. As culturas se misturam e o real e o virtual se embarçam.

A *arte radicante*, como uma nova forma de encarar as questões identitárias, é proposta por Bourriaud (2011). Segundo o autor, na pós-modernidade, as identidades se fechavam no exótico, ao se fixar na diferença. A *arte radicante*, ao contrário, permitiria que as raízes, que brotariam dela própria, fossem se deslocando, fazendo com que as formas, daí resultantes, não fossem fixas, porém, em constante formação. Menciona que a proposta pós-modernista seria excludente porque vetaria o diálogo entre quem não dividisse a mesma origem cultural ao mesmo tempo em que, a visão de centro e periferia permaneceria a mesma visto que, como crítico de arte, ao julgar uma obra, haveria uma “[...] espécie de cortesia estética [...] atitude que consiste em se negar a emitir o menor juízo crítico por medo de se ferir a suscetibilidade do outro” (BOURRIAUD, 2011, p. 25).

Bourriaud (2011) trabalha em torno do deslocamento em que os artistas são cidadãos do mundo. Estes, ao se movimentarem, realizam o que o autor define como tradução, ao agitar e misturar os signos e devolvê-los ressignificados. Não se trata assim de juntar elementos díspares, contudo, construir conexões significativas entre esses.

Ao ponderar sobre estas conceituações feitas por Bourriaud (2011), é pertinente considerar a aula de arte no contexto atual. Como se dão as aulas na



atualidade? A arte contemporânea não se apresenta a nós de uma forma definida. O que é considerado contemporâneo em termos de artes visuais?

Os referenciais, que a maioria dispõe, remetem à arte moderna, cujas formas e intenções, parecem reconhecíveis. Nas formas e apresentações contemporâneas e suas variáveis, que mesclam e se movem entre performances, videoarte, *body art*, *site specific*, enfim, se dissipam os limites.

A recepção se vê levada em conta como em nenhum outro momento. Estará o público preparado para se inserir neste contexto? Quem pode dar pistas para uma aproximação? Que referenciais usar e onde buscá-las?

Vejo nessas questões, a necessidade das escolhas do professor, no “como”. A aula de arte que se contenta com as respostas ou a que propõe mais indagações?

Deste modo, as minhas propostas variam e podem partir de caminhadas pelas ruas de Bagé, em que os prédios históricos, ou as ruas do entorno da escola são evidenciadas para outros olhares.

Saímos em expedições em busca, não de desfazer as dobras, como alude Maffesoli (2008), em relação à etimologia da palavra compreender, mas, no intuito de possibilitar novas miradas, ou seja, trazer o cotidiano, o habitual para a discussão. Essas saídas são registradas através de fotografia.

Com a câmera, como recurso, foi elaborada uma proposta de trabalho, com alunos da 7ª série do ensino fundamental, em que deveriam olhar para algum lugar em suas casas, para os quais não costumavam, e realizar fotografias. Várias imagens surgiram e se juntaram aos depoimentos a respeito do que haviam fotografado e sobre o modo de olhar para esses locais. Ressalto o relato de um aluno que referiu que a sua casa era *um mar de rachaduras*, depois de realizar várias fotografias em que as linhas provocadas pelas rachaduras foram o mote da sua pesquisa. Ou ainda os olhares que outra aluna possibilitou a uma parede, na qual a pintura foi se transformando pela ação do tempo. Nesse momento, as ações dos alunos se aproximaram do manifestado por Bourriaud (2009b) sobre a utilização do já existente. As paredes com suas histórias estavam ali, disponíveis, a espera de um olhar, atento, curioso.



Charlotte Cotton (2010) ao ressaltar a respeito da abordagem dos fotógrafos contemporâneos sobre aspectos em que não se acham presentes maiores destrezas técnicas, remete ao espectador, no momento em que esse pode questionar como determinado objeto, ou assunto, foi colocado em foco, tal a sua aparente fragilidade. Quem sabe isso ocorra pelo fato de estarmos acostumados com o virtuosismo técnico dos artistas ditos tradicionais, quer sejam pela sua habilidade com os pincéis ou sua destreza com a câmera fotográfica.

Maffesoli (2005, p.24) alega que: “[...] uma obra de arte só tem sentido para os que nela se reconhecem e para quem as criou”. Ora, as obras atuais trazem elementos mundanos, e conforme Bourriaud (2009a) nos é permitida a relação direta com essas obras. Como então não trazê-las para o debate? Maffesoli (2005) refere que, como realidade, o contemporâneo precisa ser compreendido e o mesmo se pode dizer da arte atual. Mas como compreendê-la se ela não apresenta as respostas que dispúnhamos para o que seria arte?

A escola pode exercer o papel de mediadora entre o público e a arte contemporânea. Se as situações de aula forem aproveitadas como reunião de discussão e de possibilidades de diferentes relações, talvez possa ser estabelecida uma nova conversa com a arte contemporânea, no momento em que, nos desvencilhemos de conceitos construídos por pensamentos e escolhas que aspiravam responder a questões de momentos outros, não postuladas nem pretendidas por nós.

Referências

BOURRIAUD, Nicolas. *Estética relacional*; tradução Denise Bottmann. São Paulo: Martins, 2009.

BOURRIAUD, Nicolas. *Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo*; tradução Denise Bottmann. São Paulo: Martins, 2009.

BOURRIAUD, Nicolas. *Radicante: por uma estética da globalização*; tradução Dorothée de Bruchard. São Paulo: Martins Fontes, 2011.



COTTON, Charlotte. *A Fotografia como arte contemporânea*; tradução Maria Silvia Mourão Netto. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

EAGLETON, Terry. *A ideologia da estética*; tradução Mauro Sá Rego Costa. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

MAFFESOLI, Michel. *O mistério da conjunção: ensaios sobre a comunicação, corpo e socialidade*; tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MAFFESOLI, Michel. A terra fértil do cotidiano. *Revista FAMECOS* - nº 36 - agosto de 2008 – quadrimestral - p. 05-09.